

África do Sul diz o dito pelo não dito

19.11.87

por Carlos Cardoso, da AIM

De uma certa maneira, comentavam diplomatas da Linha da Frente, domingo, em Luanda, a África do Sul, negou as suas próprias afirmações sobre o «perigo soviético-cubano» em Angola quando o General Magnus Malan disse que as Forças cubanas haviam «abandonado» as FAPLA no terreno.

Final de contas as Forças Armadas Sul-Africanas — as SADF — estão a lutar contra quem? Perguntava-se em Luanda. E a pergunta sugeria a própria resposta: contra as FAPLA.

Mas a Pretória é extremamente difícil reconhecer que os seus soldados estão a ser mortos por angolanos — na sua esmagadora maioria de raça negra. Esta parece-me ser a razão fundamental, do ponto de vista da situação política interna sul-africana, para Pretória insistir tanto que se encontra em combate com Forças cubanas numa ofensiva das FAPLA «liderada por um general soviético».

Existem, sem dúvida, outras razões, duas delas mais óbvias: por um lado, tentar mobilizar apoios ocidentais numa perspectiva de que a África do Sul impede um avanço da influência soviética na região, e, por outro lado,

manter vivo internamente o espírito algo megalomano de que as SADF só combatem grandes potências como a URSS.

Mas, repito, a razão fundamental para toda esta ginástica política e semiótica é o facto de Pretória não poder de maneira nenhuma admitir que um exército composto fundamentalmente por homens negros está a provocar baixas muito sérias nas SADF.

Sem dúvida que os oficiais militares soviéticos em Angola têm um papel muito importante no apoio às FAPLA, e que as Forças cubanas exercem forte dissuasão a norte do actual palco do conflito.

Mas quem combate, quem maneja já mecanismos e instrumentos muito sofisticados e quem coordena no terreno acções já a nível de brigada são angolanos, quem entende o que é o racismo compreenderá também quão difícil é, para Pretória, reconhecer publicamente que este é o elemento vital no conflito.

Se as FAPLA não tivessem vindo a demonstrar eficácia no terreno já há muito que a URSS teria repensado todo o engajamento ao lado do Gover-

no angolano no que diz respeito ao treino militar e fornecimento de armas.

Domingo, em Luanda, o Presidente zambiano Kenneth Kaunda, congratulou efusivamente as FAPLA. Era um sentimento partilhado pelas delegações dos seis Países da Linha da Frente, um palpável apreço e respeito pela crescente capacidade combativa e organizacional das FAPLA.

Mas os seus oficiais são os últimos a erguer prematuramente qualquer bandeira de vitória.

Reencontrei em Luanda, entre oficiais superiores das FAPLA, aquilo que sentira em 1983 quando o exército angolano havia lançado grandes operações contra a UNITA e havia, também nessa altura, encontrado as SADF a protegerem-na, a consciência de que as SADF são um exército altamente treinado e organizado, com equipamento muito sofisticado e muito bem maneado, contra o qual qualquer erro é fatal.

Os angolanos continuam, portanto, a não subestimar as SADF. E isto torna-se muito perigoso para as SADF pois estas, têm sofrido do erro fatal do

racismo, a subestimação do seu inimigo, as FAPLA. Hoje, já há menos disso do que há anos atrás mas esse sentimento ainda persiste a alguns níveis dentro das Forças sul-africanas.

Digo que há menos porque existem indicações de as SADF estarem a repensar as suas concepções sobre as FAPLA. Nas últimas semanas, segundo a chefia das FAPLA, os sul-africanos têm evitado combates a curta distância, preferindo utilizar com maior frequência os bombardeamentos a longa distância com artilharia pesada, incluindo mísseis terra-terra.

E os angolanos são quase peremptórios na explicação para este fenómeno: as SADF têm um enorme calcanhar de aquiles, o medo de perderem muitos soldados brancos.

A acontecer, isso provocaria incontáveis problemas políticos no interior do próprio regime.

A situação actual no sul parece ser a de uma paridade militar arduamente conquistada pelas FAPLA. As próximas semanas definirão se Pretória vai, ou não, arriscar uma invasão massiva. — (AIM).